

Um Breve Estudo Sobre a Antropologia e a sua Importância nas Ciências Aplicadas

Francisco de Assis Toscano de Brito¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo primeiro propiciar um resumo da história da Antropologia a todos que se iniciam no aprendizado desta ciência, destacando as teorias e autores mais conhecidos. Espera-se que o texto permita que os leitores possam ter uma visão panorâmica desta ciência, o que lhes facilitará o seu aprofundamento. A antropologia faz parte do modo de ser das pessoas e da sua cultura fazendo uma interface interdisciplinar com as outras áreas de formação profissional, especialmente no mundo das ciências médicas, pois quando um profissional de saúde se relaciona com um paciente ele não entra em contato apenas com o seu físico, mas também com o seu lado mental e cultural. Na busca cada vez maior de uma saúde mais humanizada a compreensão de que é necessário, por parte dos profissionais da saúde, o uso de uma

¹ Bacharel em Direito e licenciado em Educação Física pela UFPB. Mestre em Políticas Públicas. Professor

linguagem culturalmente familiar e o conhecimento das suas representações simbólicas para fazer o paciente entender e aceitar o tratamento, ou seja, é preciso entrar em contato com os seus sentimentos, valores e história de vida, temas estes ricamente trabalhados pela antropologia.

Palavras-Chave: Antropologia. Saúde. Cultura.

INTRODUÇÃO

Pretende-se, com este artigo, fornecer um resumo da história da Antropologia a todos que se iniciam no aprendizado desta ciência, destacando as teorias e autores mais conhecidos. Espera-se que o texto permita que os leitores possam ter uma visão panorâmica desta ciência, o que lhes facilitará o seu aprofundamento. Esta proposta resulta de dúvidas e estereótipos que têm sido observados entre os iniciantes deste estudo, especialmente os que pensam que a Antropologia é o estudo de coisas antigas, fósseis, entre outros.

A antropologia é importante porque faz parte do modo de ser das pessoas. Em outras palavras, todo indivíduo é moldado pela cultura existente no lugar onde ele nasceu. Por essa razão, a antropologia e a cultura acabam fazendo uma interface inter-disciplinar com as outras áreas de formação profissional, especialmente no mundo das ciências médicas.

O conceito de cultura também é amplo e merece algumas considerações. Há quem pense que cultura tem a ver com a quantidade de conhecimentos que um estudioso conseguiu reter depois de anos de dedicação aos livros. Essa é uma visão de senso comum, que geralmente é usada no sentido mais elitista possível. A noção antropológica de cultura relaciona-se com hábitos, costumes, padrões de comportamento e pensamento. Canclini (1983) esclarece que a cultura tem a ver com a produção de idéias, valores e símbolos padronizados, vinculados às questões materiais e ideológicas do contexto histórico onde se insere esta produção.

Neste sentido, a cultura até inclui, embora não se limite a

estudos de coisas antigas, raras, excêntricas e folclóricas. Mas, pretende-se desenvolver a disciplina de Antropologia em direção das culturas modernas e vivas. As culturas do mundo atual são vinculadas a populações que são localizadas histórica, geográfica, política e economicamente. Cada país tem muitas culturas que interagem entre si, conforme se organizam os grupos culturais que o povoam. Para se entender melhor essa ciência, tentarei apresentar os modelos, pesquisas e autores mais divulgados na Antropologia atual.

Sobretudo, pretende-se que o estudo da Antropologia seja conduzido de forma ética, ou seja, essa ciência deve ser explanada de modo a incentivar a compreensão dos homens pelos homens, em produções que podem beneficiar os seres humanos do mundo atual. Em outras palavras, objetiva-se mostrar a Antropologia que ajuda a eliminar preconceitos, injustiças, explorações dos homens pelos homens, e, principalmente impedir a destruição do meio-ambiente e da vida. As ciências não são neutras e, já que é necessário assumir uma postura política na Antropologia, que esta se dirija à paz, bem-estar e cidadania da humanidade.

PINCELADAS HISTÓRICAS DA ANTROPOLOGIA

A Antropologia surgiu originalmente do estudo do *Outro*, ou seja, dos povos considerados *diferentes* e *exóticos*. Essa classificação surgiu desde a Grécia antiga, quando haviam povos que se dedicavam às artes náuticas, como os fenícios, gregos e outros do Mediterrâneo. Nessas viagens sempre havia aventureiros que faziam anotações sobre os lugares e povos que encontravam; o filósofo grego Heródoto destacou-se nesta prática, razão pela qual é considerado como o pai da Antropologia, História e Geografia. Por volta do século XV os europeus lançaram-se em busca de novas terras e mercados consumidores. Após a tomada do mar Mediterrâneo pelos turcos mouros, os navegantes europeus lançaram-se ao mar buscando novos caminhos para os centros de comercialização no Oriente, através dos entrepostos das Índias. A Europa estava saindo do

marasmo econômico e cultural do feu-dalismo e vivia a ebulição do Renascimento.

Nesse cenário de viagens em busca de relações comerciais do capitalismo mercantil, os europeus (especialmente portugueses, espanhóis e ingleses) necessitavam de descrições detalhadas de rotas náuticas, povos e seus costumes encontrados pelos novos caminhos marítimos. Esses registros foram feitos pelos escrivãos das armadas de navegação e foram importantes porque continham informações que poderiam agilizar o surgimento de novos compradores ou fornecedores de bens de valor comercial. Os mais famosos foram Américo Vespúcio, na descoberta da América em 1492, e Pero Vaz de Caminha, da esquadra de Cabral, quando o Brasil foi descoberto, em 1500.

A primeira corrente de pensamento teórico antropológico foi a que tratava da origem e evolução dos homens na terra. O Evolucionismo tentou provar que os homens teriam se originado de espécies de macaco e teriam passado por estágios de evolução até se tornarem *civilizados* como os europeus. Os defensores destas idéias foram influenciados pelas hipóteses biológicas do cientista inglês Charles Darwin, que elaborou tratados explicativos sobre as origens e evolução dos animais, plantas e seres humanos no mundo. Este autor colocou o resultado de suas pesquisas no famoso livro *A origem das espécies*, publicado pela primeira vez em 1859. Suas suposições foram complementadas pelos antropólogos ingleses Lewis Morgan, Spencer, Frazer e outros. Apesar de ser uma teoria importante na história da antropologia, ela foi criticada por ter sido utilizada para a classificação dos povos em categorias preconceituosas de superioridade e inferioridade, que não tinham e não tem, até hoje, o menor fundamento.

Sob influência do sucesso do evolucionismo, surgiu a corrente de pensamento *difusionista* que não tinha pretensões tão universalistas e que foi desenvolvida por antropólogos americanos como Ratzel, Frazer e outros, no final do século XIX. Primeiramente defendia idéias da difusão de matrizes raciais e culturais pelo mundo, ressaltando coincidências como as pirâmides egípcias e as dos astecas mexicanos,

por exemplo. A obra de um dos seus representantes, Frazer¹ (*O ramo de ouro*) sintetizou as pesquisas antropológicas do século XIX que são, até hoje, fundamentais para o estudo da Antropologia e outras ciências. Mesmo com essas contribuições, o difusionismo foi conhecido como *geografia especulativa* (LAPLANTINE, 1999, p. 80).

Na primeira terça parte do século XX, começam a surgir importantes mudanças na pesquisa antropológica. Até o final do século XIX, as pesquisas antropológicas tinham uma divisão entre os observadores – viajantes, missionários, administradores das colônias – e os antropólogos, que organizavam e sistematizavam os dados enviados pelos observadores-provedores das informações. No início do século XX, essas tarefas deixaram de ser divididas e passaram a ser exercidas exclusivamente pelos antropólogos. Estes compreenderam que precisavam viver entre os povos pesquisados, não apenas como hóspedes, mas como os nativos. Isso significou aprender suas línguas, sentir suas emoções, hábitos, culinárias e habitações. Surgiu então o *trabalho antropológico de campo* e as *etnografias* que eram as descrições detalhadas dos povos estudados pelos antropólogos.

Segundo Laplantine (1999, p. 75-79), o antropólogo Franz Boas (1858-1942) foi um dos pioneiros nesta prática. Para ele, *tudo* deveria ser anotado na pesquisa de campo: desde os materiais de construção das habitações até as notas das melodias cantadas pelos nativos. As *etnografias* são a essência do trabalho de campo da Antropologia até hoje. Uma das funções das etnografias foi a de servirem como base para a comparação entre os povos ditos como primitivos, e o método comparativo foi e é muito importante para a Antropologia.

Se Boas foi o fundador da etnografia, Durkheim e Mauss forneceram à Antropologia o quadro teórico e os instrumentos metodológicos que faltavam no final do século XIX. Segundo Laplantine (1999, p. 88-92), Durkheim publicou *As regras do método sociológico*, publicado pela primeira vez em 1894, onde ele opõe a "precisão" da história à "confusão" da etnografia. Mas, em *As*

¹ A obra *O ramo de ouro* foi publicada em doze volumes, de 1890 a 1915 e tornou-se fonte de inspiração para autores famosos com Freud (*Totem e tabu*), Bergson,

formas elementares da vida religiosa, publicado em 1912, ele revisa seu julgamento, "considerando que não é apenas importante, mas também necessário estender o campo de investigação da sociologia aos materiais recolhidos pelos etnólogos nas sociedades primitivas" (LAPLANTINE, 1999, p. 88).

Um dos conceitos mais importantes de Durkheim é o de *fatossociais*, que segundo ele, deviam ser tratados como coisas² e só podiam ser explicados sendo relacionados a outros fatos sociais. Foi considerado como um dos pais da Antropologia e da Sociologia e até hoje, na França, a Sociologia e Antropologia se confundem por causa de sua influência no nascimento dessas duas ciências.

Marcel Mauss (1872-1950) nasceu na França, como Durkheim, de quem era sobrinho. Suas respectivas contribuições teóricas na Antropologia são, de acordo com Laplantine, muito próximas e muito diferentes, ao mesmo tempo. Durkheim considerava que a Antropologia estava destinada a ser um ramo da Sociologia, enquanto Mauss trabalhou durante toda a sua vida (com Paul Rivet), para que a Antropologia fosse reconhecida como uma ciência verdadeira e não anexa à Sociologia.

A maior contribuição de Mauss para antropologia foi no campo dos estudos sobre simbolismo, ou seja, na análise dos significados dos elementos culturais dos povos. Ele foi um dos primeiros estudiosos a analisar as representações sociais, ou seja, os significados e desdobramentos dos elementos simbólicos que compõem uma cultura. Por exemplo, o símbolo da Estrela de Davi, de seis pontas, representa o judaísmo e é importante para os judeus desde os primórdios até hoje. Entre outros significados faz esse povo lembrar das perseguições que sofreu durante o nazismo da Alemanha entre guerras, pois era fixado numa faixa fixada na roupa dos judeus dessa época. Esse símbolo sinalizava que os portadores dessa faixa não podiam transitar livremente nas ruas, tinham que morar separados

² A colocação dos fatos sociais como 'coisas' tem a ver com o modo neutro de analisá-los. Nessa época o mundo das ciências estava influenciado pelo positivismo que era um modo de tratar os elementos de pesquisa como fenômenos concretos, visíveis, contabilizáveis e apoiados em estatísticas. É nesse sentido que os fatos

dos outros habitantes das cidades e depois foram para os campos de concentração onde a maior parte morreu em câmaras de gás. A estrela de Davi simboliza, por exemplo, a resistência e solidariedade dos judeus nos lugares em que eram perseguidos, sua fé na religião e na força da cultura judaica.

Hoje, no Brasil temos a estrela vermelha de cinco pontas, que representa o Partido dos Trabalhadores e Lula, seu representante, que é o nosso atual presidente da República. Antes das eleições de 2002, representava a esquerda brasileira, com mensagens democráticas e defesa dos trabalhadores. Em outras palavras, as coisas tem nomes e funções de acordo com a cultura em que são criadas e, aí está a especificidade da Antropologia: na análise dos fenômenos sociais, segundo Mauss. Em suma, os elementos de significação simbólica fazem parte da cultura e da mentalidade dos povos e, por isso, está na história, identidade e inconsciente coletivo dos grupos sociais. Marcel Mauss foi o autor de uma das obras mais importantes da antropologia: *O ensaio sobre o dom*, publicada em 1923.

Segundo Laplantine, Mauss acabou longe da análise sociológica de Durkheim e próximo da prática etnográfica de Malinowski, outro clássico da história da antropologia. Ele não foi o primeiro a fazer trabalhos de campo e etnografias nas pesquisas antropológicas, mas, aprofundou as técnicas de coleta de dados, que passaram a se chamar *observação participante* porque tinha uma metodologia mais aprimorada que a técnica etnográfica de Boas.

Para dar coerência às suas pesquisas de campo, Malinowski elaborou a teoria funcionalista, que pode ser resumida da seguinte forma: os indivíduos têm necessidades físicas, biológicas e sociais, e cada cultura tem como função a de satisfazer à sua maneira essas necessidades básicas dos seres humanos. Cada sociedade e cada cultura realizam isso elaborando instituições (econômicas, políticas, jurídicas, educativas, etc.), que fornecem respostas coletivas organizadas e constituem, cada uma a seu modo, soluções originais que permitem atender a essas necessidades.

Godelier (1978, p. 45-84) sintetizou as críticas que posteriormente surgiram às teorias funcionalistas da Antropologia: as análises de Malinowski retratam a realidade social como se fossem paradas no

tempo – estanques –, como se houvesse sempre harmonia e equilíbrio, por serem divididas em setores funcionais estáveis. No entanto essa aparência dos sistemas sociais analisados à luz do funcionalismo é falsa, pois as sociedades sempre têm contradições e mudanças em processo, às quais o funcionalismo acaba sempre escondendo.

Nos anos 50 e 60 entraram em cena as Teorias Estruturalistas através do seu criador, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. A idéia básica do estruturalismo é que a noção de estrutura não se refere à realidade diretamente, mas aos modelos construídos de acordo com ela. Em outras palavras, o estruturalismo enfoca padrões de pensamento e comportamento, compartilhados coletivamente pelos grupos sociais, tanto os urbanos quanto os rurais, tanto os “primitivos” quanto os civilizados. São os modelos ideais, não no sentido de perfeição, mas, porque são derivados de idéias e produções mentais.

A Antropologia estruturalista francesa de Lévi-Strauss foi mais teórica e foi utilizada no estudo dos sistemas de *representações simbólicas* no que, aliás, foi influenciado por Marcel Mauss. É muito usada em temas tais como a religião, a mitologia e as literaturas de tradição oral, entre outros temas ligados às mentalidades dos povos. O estruturalismo inglês foi mais empírico e voltado para questões materiais, como por exemplo, os estudos de sistemas monetários tradicionais, entre outros. As críticas que se faz ao estruturalismo francês referem-se ao seu aspecto idealista e formal de análise.

Godelier (1978, p. 68) apontou o caráter *ahistórico* dos estudos estruturalistas, ou seja, a tendência para se construir modelos estáticos e rígidos (sem uma origem histórica) das realidades sociais analisadas sob a luz das teorias estruturalistas. Para esse autor, a grande “falha” estruturalista é a de não retratar relações sociais concretas e sim os seus padrões ideais. Até hoje, os estudos no campo das ideologias políticas, propagandas, discursos proferidos sobre os conteúdos dos meios de comunicação e outros análogos, são campos temáticos em que se pode aplicar as teorias e análises estruturalistas.

No decorrer dos anos 70 e 80 surgem os debates sobre o destino e a aplicação da Antropologia nas sociedades urbano-industriais. Continuam a ser feitos os estudos do *Outro* isolado em micro-

realidades, aqueles que também são vistos como os que são exóticos e diferentes, como os índios, por exemplo. Mas, os antropólogos também querem fazer pesquisas nas cidades, em novos recortes de micro-realidades urbanas: bairros, favelas, prédios de apartamentos, festas, etc. Nessa mudança houve a influência das teorias marxistas³ na Antropologia: o *Outro* também é o desigual e explorado, das sociedades capitalistas. Os temas de pesquisas influenciadas pelos antropólogos marxistas são: proletarização dos camponeses, pobreza urbana, discriminação, preconceito e opressão de minorias urbanas como prostitutas e homossexuais, religiões e festas populares, etc. Nessas inovações encontra-se a aproximação do estruturalismo com o marxismo.

Nos anos 90, destaca-se a antropologia interpretativa, cujo autor e teórico mais famoso é Clifford Geertz, com a obra *A interpretação das culturas*, que foi publicada em 1978. No Brasil, essa teoria foi divulgada por Roberto Cardoso de Oliveira (1984), que a incorporou principalmente nos seus componentes políticos e metodológicos. É fortemente influenciada pelo estruturalismo e pela filosofia através de fenomenologistas como Heidegger: é apoiada no estudo do *Ser* e na hermenêutica, que significam respectivamente a *essência e a interpretação do ser*, que são baseadas na tradição e na linguagem.

Na Antropologia Interpretativa, segundo Cardoso de Oliveira (1984b, p. 3), *a tradição significa cultura em seu mais amplo sentido totalizador*. A cultura é constituída por um sistema de categorias de entendimento social, que é compreendido por todos os membros de uma sociedade através da linguagem. A cultura abriga também sentimentos e valores, sem os quais ela própria, enquanto cultura, estaria absolutamente "desumanizada". Ou seja, o homem portador da cultura também é portador de idéias, sentimentos e valores.

Como se pode perceber, a ciência antropológica se firmou a partir das correntes teóricas funcionalista e principalmente ³ Marx foi um filósofo alemão que escreveu, entre outros, a obra *O capital*, que teve, originalmente três volumes. Trata-se de uma análise crítica contra o sistema capitalista e detalha a exploração do homem pelo homem. Seus principais conceitos são: modo de produção, relações sociais de produção, dominação/subordinação e outros. É apontado como o autor que inspirou os regimes socialistas que existiram

estruturalista, que foi atualizada na Antropologia Interpretativa. Ela surgiu para ser aplicada aos grupos *antigos, primitivos, exóticos, diferentes, desiguais, distantes e isolados* do mundo dos civilizados. Depois, ela veio chegando para as populações urbanas das sociedades complexas e tecnologicamente avançadas. Hoje, fala-se menos dos grupos que são alvos de pesquisa e mais nos temas de estudos. Por exemplo, hoje se estuda as questões urbanas, violência, subjetividade e afetividade, cultura popular tradicional e de massa, imaginário, pobreza, discursos eleitorais, antropologia do turismo, consumo, Internet, etc. Os objetos de estudo das primeiras pesquisas foram se somando aos novos, conforme os destaques teóricos de sua história.

Um dos aspectos mais importantes da antropologia é a sua interdisciplinaridade, especialmente nas ciências médicas, já que o combate das doenças é fortemente apoiado nas práticas de magia e rituais religiosos, desde a Grécia antiga. As ciências da Enfermagem, que se relacionam com o universo saúde-doença e a manutenção da vida, são marcadas pela cultura, meio-ambiente, clima, alimentação, prevenção, doação, tecnologia e, sobretudo vocação.

Para concluir, nunca é demais lembrar que, quando um profissional de saúde se relaciona com um paciente ele não entra em contato apenas com o seu físico, mas também com o seu lado mental e cultural. É necessário uma linguagem culturalmente familiar e o conhecimento das suas representações simbólicas importantes para fazê-lo entender e aceitar o tratamento do profissional, ou seja, é preciso entrar em contato com os seus sentimentos, valores e história de vida, que são temas ricamente trabalhados pela antropologia.

ABSTRACT

The present article has as I aim at first to propitiate a summary of the history of the Anthropology to all that begin in the learning of this science, detaching the theories and knowner authors. It is waited that the text allows the readers to have a panoramic vision of this science, what will facilitate them your aprofundamento. The anthropology is part in the way of being

of the people and of your culture making an interface interdisciplinary with the other areas of professional formation, especially in the world of the medical sciences, because when a professional of health links with a patient he doesn't just enter in contact with your physicist, but also with your mental and cultural side. In the search every time larger of a health more humanized the understanding that it is necessary, on the part of the professionals of the health, the use of a language culturally family and the knowledge of your symbolic representations to do the patient to understand and to accept the treatment, in other words, it is necessary to enter in contact with your feelings, values and life history, that are richly themes worked by the anthropology.

Word-Key: Anthropology. Health. Culture.

REFERÊNCIAS

- BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Tempo e tradição. **Série Antropológica**, n. 41, Brasília, EDUnB, 1984.
- _____. Leitura e cultura de uma perspectiva antropológica, In **Série Antropológica**, n. 43, Brasília, EDUnB, 1984b.
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GODELIER, Maurice. Economia e sociedades: abordagens funcionalista, estruturalista e marxista. In CARVALHO, Edgar de Assis (Org.). **Antropologia econômica**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PELTO, Pertti J. **Iniciação ao estudo da antropologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

